ANO 7.º — Sexta-feira, 8 de Maio de 1914 — NUMERO 321

O DEMOCRATA

(AVENÇA)

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

ASSINATURAS (pagamento adiantado)

Ano (Portugal e colónias) . . . . 1$20
Semestre $60
Brasil e estranjeiro (ano) moeda forte 2$50
Avulso $02
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, R. Direita, n.º 54

DIRECTOR E EDITOR — ARNALDO RIBEIRO
—(*)—
Propriedade da Emprêsa do DEMOCRATA

Oficina de composição, Rua Direita—Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luís de Camões

ANÚNCIOS

Por linha . . . . 4 centavos
Comunicados . . . . 2 centavos
Anúncios permanentes, contracto especial.
Toda a correspondência relativa ao jornal, deve ser dirigida ao director.

Consequencias

Dia a dia, num desmedido crescendo, é o país surpreendido com a prática de actos que envolvem o mais grâve desrespeito ás instituições e à lei, actos tanto mais atrevidos e provocadores quanto mais se entendeu dever apregoar a necessidade de estabelecer a cordealidade entre a familia portuguêsa.

Solto o pregão de tal exigencia, que exclusivamente provinha da atitude dos *republicanos* oposicionistas á politica do gabinete Afonso Costa, a reacção monarquica logo se aproveitou da nova fáse politica de acalmação, iniciada pelo atual govêrno, para expandir por todas as fórmas e procéssos o seu odio ao novo regimen.

Foi este a primeira desastrada consequencia da atitude da Câmara, que numa furia de doidos e com o apoio doutros doidos autenticos, com assento no Senado, desceram aos mais vergonhosos expedientes e ás mais repugnantes invenções caluniosas para deprimir o govêrno republicano, que numa alevantada linha de aberta e clara politica democratica radical presidia aos destinos da Nação.

Lançando mão de todos os meios e expedientes para a sua perigosa quanto anti-patriotica politica, as oposições assacáram ao govêrno as responsabilidades, os actos mais violentos e ilegaes e tacitamente pactuaram com os monarquicos na sua guerra de incruzilhada ás instituições.

Entrando o periodo de acalmação, na frase assucarada do atual presidente do conselho, o atrevimento nas provocações ao regimen por parte dos monarquicos iniciou-se de escantilhão por toda a parte e assim temos o caso do Ginasio, com o jantar em Belas, o de Barcélos, o de Estarreja, a famosa e gravissimamente ofensiva conferencia de José de Arruela, o do bispo do Porto e o do cordeal, em Lisboa, os factos vergonhosissimos consumados contra os republicanos residentes em Bustos, no proximo concelho de Oliveira do Bairro e ha dias as provocantes scenas da reacção monarquica-clerical na cidade do Porto com reproduções em Barcelos e em outros vários pontos.

Não suponha ninguem, porém, que taes actos significam uma prova de força da reacção monarquica. Eles são apenas demonstrações da intensidade do odio que tal gente ainda abriga intacto, evidenciando-o, á sombra da indisciplina dos partidos, que, na furia da conquista do poder, tem dado os inconfundiveis testemunhos da sua fatal orientação. Se esses republicanos—*evolucionistas e unionistas*—esquecendo ruins paixões, fizéssem apenas a sua oposição alevantada e digna, colocando-se incondicionalmente ao lado da Republica, zelando-lhe os seus interesses e direitos, defendendo-a e dignificando-a, por cérto não conheceriâmos de todas essas manifestações, que embora ridiculas e impotentes, são todavía a prova de que os erros dos alucinados grupos foram a unica causa onde assenta a iniciativa da reacção, realisando essas manifestações, que não tendo, como se mostra, outro resultado, excitam e encomodam a opinião sincéra e honésta dos verdadeiros republicanos.

Mas a gente desses grupos, pretendendo cômo nos tempos idos, estabelecer direitos a uma pasta futura, porque, infelizmente, muita dela, neles ingressando, não mudou os seus principios nem modificou a baixêsa dos seus sentimentos, antes, acima de todos os deveres e conveniencias, colocou as suas desmedidas ambições, só teve palavras de insultuosa censura contra tudo que aos seus grupos não pertencesse.

Ao govêrno de então e implicitamente ao regimen, foram assacados os maiores crimes e as maiores infamias. Tudo quanto de oposicionista se manifestasse contra o gabinête Afonso Costa, exclusivamente desses grupos ou de qualquer outra proveniencia monarquica-clerical, encontrava éco na Câmara, na imprensa e tudo servia para apontar o cometimento dos grâves erros praticados pelo govêrno—*que só mantinha a anarquia, a violencia e a ilegalidade dentro do territorio da Republica!!*

A quéda da situação Afonso Costa, que obedecendo á Constituição foi uma indiscutivel prova da dignidade politica do presidente do govêrno, tomou-a, todavía, a negregada cáfila como a consequencia da guerra movida pelas oposições, e, assim, os que as tinham ajusdado em tão patriotica taréfa, exigiam a paga dos seus serviços, consubstanciada apenas na permissão de actos publicos que satisfizéssem o seu programa e as suas tendencias reaccionarias.

Por toda a parte surgiu a necessidade de procissões, de novenas, de festas; realisaram-se imediatamente conferencias e proferiram-se com a maior impunidade os mais vergonhosos insultos contra todos e contra tudo; promulgada a amnistia, eterno cavalo de batalha lançado sempre em todas as ocasiões como a prova mais palpitante e inconfundivel do barbarismo demagogico da Republica e do govêrno Afonso Costa, essa amnistia passou logo a ser uma prova insofismavel da fraquêsa do regimen e da falsa cordealidade do atual govêrno; a câmara de Barcélos, que é monarquica, retira da sala o busto da Republica; no Porto realisa-se o congresso católico e a assistencia vem para a rua dar vivas á monarquia, ao rei, e a tudo quanto signifique demonstrações favoraveis á existencia de tal regimen.

Não nos enganâmos reconhecendo a insignificancia de tão ridiculas manifestações, mas não nos enganâmos afirmando tambem que elas são a logica consequencia da desgraçada orientação politica dos que, agrupados na direita da Câmara, de tudo se importaram para a guerra ao govêrno, excepção feita ao natural prestigio que lhes deveria merecer a Republica e os interesses da Patria.

Se todos quantos se dizem republicanos, esquecendo vaidades e sacrificando orgulhosas ambições, se conservassem unidos e disciplinados em volta do novo regimen, coloca-lo-iam ao abrigo dessas investidas, que embora ridiculas e insignificantes, produzem contudo perturbações pela reacção que determinam e violencias que resultam.

Sem acrimonia, sem maledicencia, sem ideia reservada de ataque politico contra niguem em especial, bem cremos não nos enganarmos afirmando que a responsabilidade moral de tudo quanto vem sucedendo cabe, em exclusivo, aos que supozéram que a Republica poderia ser, sem consequencias, uma simples solução de continuidade do morto regimem dos... *adeantamentos.*

Interesses locaes

A Junta das Obras da Barra e ria de Aveiro foi autorisada a entregar á câmara municipal deste concelho a estrada do Canal de S. Roque á estação do caminho de ferro cujas reparações ficarão d'ora ávante por conta daquele corpo administrativo.

Português condenado á morte

Um geral clamor de piedade se levanta a favor dum infeliz, Oliveira Coelho, que a desgraça defronta, longe da sua patria, com os lugubres degraus do cadafalso.

Ainda que os codigos internacionaes determinem que nunca será imposta a pena de morte aos subditos dum país onde não exista tal condenação, os tribunaes de Liverpool aplicaram-na a Oliveira Coelho, que num momento fatal assassinára a esposa a bordo dum vapor inglez.

Juntâmos os nossos rogos a tantos quantos neste momento se fazem, a começar pelos do govêrno, para obter a clemencia da justiça britanica a favor do nosso desgraçado compatriota sobre quem pésa tão dura pena, consolando-nos a esperança de que será atendido o significativo movimento que por todo o territorio português e até no Brazil, se está operando no sentido de salvar do patibulo o desditoso, que uma autoridade imbecil recusou roceber quando, no Rio de Janeiro, o apresentaram como criminoso.

Junta Geral do Distrito

Em reunião plenária de sexta-feira passada, da presidencia do sr. dr. Antonio da Silva Carrelhas foi lida e aprovada a acta da sessão anterior, tomando em seguida as seguintes deliberações:

Convidar o procurador efectivo por Castelo de Paiva, dr. Antonio da Silva Gouveia, que se achava presente, a ocupar o seu logar, pelo que deixou de exercer as funções de membro da Comissão Executiva o procurador substituto, Elisio Filinto Feio;

suspender a sessão por 5 minutos em sinal de sentimento pela morte do sr. Manuel Tavares Maia, pae do procurador, dr. Samuel Maia e do irmão do sr. dr. Tavares Rebelo;

reduzir a caução do tesoureiro a dois mil escudos prestada por papeis de credito ou hipoteca propria ou alheia;

aprovar o projecto do regulamento do Asilo Escola Distrital com algumas alterações;

nomear tesoureiro privativo da Junta o cidadão Alberto Souto;

anular o concurso para provimento do logar de chefe de secretaria em virtude do parecer duma comissão nomeada para examinar os documentos dos concorrentes;

nomear membro efectivo da Comissão Executiva o procurador Eugenio Sampaio Duarte;

autorisar a Comissão Executiva a usar de todos os meios e recursos que a lei lhe faculta para manter as suas prerogativas na sindicancia a que mandou proceder aos actos da confraria do Santissimo da freguezia de Esgueira de que é juiz o sr. Mariano Ludgero Maria da Silva; e

finalmente, lançar na acta um voto de louvor ao cidadão Elisio Filinto Feio pelo modo como desempenhou durante alguns mezes o seu logar como vogal efectivo da Comissão Executiva dando o sr. presidente por terminados os trabalhos era perto das 18 horas.

Faltou por motivo de doença o procurador de Oliveira de Azemeis, Augusto da Cunha Leitão, que nessa conformidade oficiou á Junta comunicando-lhe as razões da sua não comparencia á sessão.

Continuam a exercer os cargos de administrador do concelho, respectivamente, em Estarreja e Vagos, os srs. dr. Alfredo Nordeste e Agnelo Regala.

O primeiro acumula essas funções com as de oficial do registo civil em Vagos, para onde foi recentemente nomeado, tomando já posse; e o segundo é aquele cidadão que passa a maior parte do tempo a passear em Aveiro, sem querer saber dos deveres do seu cargo do qual continua a não fazer caso.

Sr. governador civil: poder-nos-á V. Ex.ª dizer que moral é esta do regimen que tal consente e cujo govêrno V. Ex.ª representa no distrito de Aveiro?

Nós declaramos que a situação dos dois funcionarios é indigna das instituições porque nem honra a Republica nem é de molde a recolher os aplausos de quantos para ela trabalharam convictos de que nenhum govêrno autorisaria ilegalidades, atropelos, abusos.

E sendo assim não podemos tolerar que tal se permita, sr. governador civil, que um semelhante estado de coisas continue a afectar os legitimos interesses da democracia.

Não, não e não! Sob pena de ser o que fôr...

O 1.º de Maio

A classe operaria de Aveiro festejou esta data com várias manifestações festivas e uma conferencia na sala da Associação dos Construtores Civis que, segundo nos contam, foi cortada de vários incidentes a que deu logar um discurso do *Bébes*, ou seja aquele pretencioso *jornalista* do *orgão dos taberneiros*, que tambem tem a monomania da oratoria, sendo necessario, o que é triste, que dois inteligentes operarios do Porto viéssem mostrar aos seus companheiros désta cidade a inconveniencia de admitir esse sugeito a arengar sobre o movimento social, ele que é um nulo e disso não passa, como demonstrado ficou na memoravel sessão a que vimos de nos referir.

Foi uma vergonha, dizemnos, o que se passou. Mas hão-de vêr que o incorrigivel bebedola ainda é capaz de não ter emenda.

No Congo

—(*)—

Por uma carta recebida esta semana do estimavel aveirense, Pompeu Alvarenga, é-nos trazida a noticia de que uma grande parte do Congo Português está em completa rebelião. Todas as feitorias portuguêsas estabelecidas na margem esquerda do Zaire, diz o nosso amigo, foram queimadas e consta terem sido assassinados dois portuguêses. Noqui tem sido e continua sendo ameaçada e esta é talvez a mais rica localidade do Congo Português. De S. Salvador a Maquela do Zombo os caminhos não oferecem segurança alguma apezar de andar por aqueles pontos uma coluna de operações. Os viveres que para esta região seguem pelo Congo Belga estão sugeitos a serem roubados apezar das escoltas que acompanham os carregadores. A rebelião tende a alastrar se não forem tomadas providencias imediatas. Muitos brancos, fugidos do Congo Português, teem ido para Boma, no Congo Belga, onde alguns chegaram sómente com a roupa que traziam no corpo quando foram atacados. Se as medidas do govêrno de Angola tendentes a reprimir o estado de coisas atual não tivérem a anima-las um bocado de energia, mal irá á vastissima e importante região cujo comercio principiou de ser abalado, não se sabendo até que ponto o afectará a rebelião caso não seja sufocada imediatamente.

Ao tambem bom amigo e compatriota Antonio dos Santos Madail, ali do visinho logar de Verdemilho, incendiou-se-lhe uma casa o que equivale a dizer que mais umas poucas de centenas de escudos, além do desgosto, teve a infelicidade de vêr devorados pelas chamas, sem lhe poder acudir.

Sentimos e fazemos ardentes votos porque a normalidade entre de vez em todo o nosso dominio colonial.

Era de esperar

—(*)—

A cambada *democratica* da Vera-Cruz emudeceu posto que ainda tente, num ultimo arranco, atingir as canelas do nosso presadissimo amigo dr. Marques da Costa, que na sessão da Junta Geral poz a mú toda a hediondez, toda a perversidade das execrandas creaturas que fazem parte da firma Bichêsa, Canivete & C.ª.

Sobre a sindicancia á irmandade do Santissimo de Esgueira, nada; sobre o administrador de Aveiro, que a malandragem quer á força incompatibilisar com os serviços que tem a seu cargo, nada; sobre as pseudo declarações atribuidas ao dr. Elisio Sucena na comissão executiva da Junta Geral, de que faz parte, tambem nada, o que tudo leva a crêr que não sopram de feição os ventos aos camaleões que com tanta desfaçatez aí teem explorado a mentira menospresando a propria dignidade.

Verdade seja que isso não soubéram eles nunca a significação que tem entre gente que se présa.

Academia de Leiria

Visitaram-nos na sexta-feira, como prenoticiámos, os estudantes do liceu de Leiria com a sua tuna indo na vespera espera-los á estação, com duas musicas, os seus colégas désta cidade, que lhe fizéram condigna recepção em harmonia com os laços fraternais que ligam as duas academias.

Os simpaticos rapazes atravessaram as ruas de Aveiro até ao Hotel Central sob uma constante chuva de flores que das sacadas dos predios lhe eram arremessadas por mãos femininas, trocando-se entusiasticos vivas ao povo das duas cidades, á fraternidade academica, ás damas aveirenses, ao professorado dos liceus de Aveiro e Leiria, etc., etc., enquanto no ar estralejavam os foguetes e as bandas lançavam os acordes das suas marchas alegres como alegre era o momento para a mocidade escolar, que, em fraternal convivio, estreitava mais e mais os élos que entre si prende a juventude, filha da mesma Patria, e portanto ligada aos destinos déla pelo sangue, pela afeição, pelo sentimento.

Os estudantes de Leiria durante a sua permanencia entre nós visitaram, póde dizerse, tudo quanto digno é de ser visto, deliciando-nos, para despedida, com um primoroso saráu no teatro onde foram trocadas afectuosas saudações por parte dos academicos e a que se associou o público que, por completo, o enchia.

Todos os numeros que compunham o programa do espectaculo agradaram, sobresaindo, no entanto, alguns trechos de musica, pela tuna, realmente bem executados.

Ao subir o pano falou em nome dos estudantes désta cidade o aluno do 5.º ano do liceu Marques Figueira, que cumprimentou os seus colégas da cidade do Liz, seguindo-se-lhe a menina Izabel Ferreira, tambem do liceu de Aveiro, que ofertou á tuna um formoso *bouquet* de flores artificiaes, dádiva de todas as suas companheiras de estudo. Apresentou os jovens executantes o professor leiriense, sr. Alves de Oliveira, distinguindo-se ainda a sr.ª D. Elmana Cruz nuns versos que recitou e Virgilio Moura, apreciavel cançonetista, pertencente ao grupo scenico e que conservou os espectadores em constante gargalhada.

A récita abriu e fechou com o hino academico ouvido de pé por todos os assistentes, sendo no final os estudantes de Leiria cobertos de flores que dos camarotes lhes atiravam as senhoras a quem foi dedicada.

Não pódem ser melhores as impressões que da sua passagem por Aveiro deixaram os simpaticos academicos, que a cidade acolheu, faz hoje oito dias, e de cuja visita conservará vivas recordações pela maneira delicada como se conduziram.

Uma carta

a proposito das festas da Bandeira

... *Sr. Redactor*

Tendo lido nas colunas do seu jornal a descrição das brilhantes festas que na cidade de Aveiro se efectuaram por ocasião da entrega da bandeira nacional ao glorioso regimento de infanteria 24, venho por este meio felicitar não só todos quantos para élas concorreram, mas tambem o sr. alferes Canelhas, que julgo ser aquele moço inteligente que em 1901 era 2.º sargento da 1.ª companhia do 1.º batalhão e portanto meu instrutor, pelo seu eloquente discurso que eu li e reli com intimo prazer.

O sr. alferes Canelhas era então o sargento que inspirava maior simpatía aos meus companheiros, porque era afavel e delicado ensinando a todos com carinho e a todos atendendo, sem quebra de disciplina, no que fosse justo e rasoavel. Compreende, por isso, sr. Redactor a minha satisfação ao vêr no *Democrata* o modo como se destacou nas festas patrioticas déssa cidade o meu antigo sargento, a quem, se V. mo permitir, saudo por intermedio do jornal que para mim melhor interpreta os sentimentos afectivos do povo português.

E se assim fôr desde já lhe agradeço, subscrevendo-me

De V. etc.

Lisboa, 4 de Maio de 1914

Benjamim Marques Diniz

A Companhia Liliputiana em Aveiro

A interessante companhia dos Anões, que, fazendo um grande sucesso com os seus trabalhos em toda a parte onde se tem exibido, acaba de ser contratada para efectuar duas récitas no Teatro Aveirense com as melhores peças do seu reportorio nos dias 14 e 15 deste mês, quinta e sexta-feira proximas.

No genero, é a *troupe* artistica mais original e interessante que tem vindo ao nosse país, notabilisando-se pelo encanto dos pequenos artistas, onde ha uma actriz que tem apenas 62 centimetros de altura, considerada a mais pequeda mulher do mundo.

Parece que a *mignone troupe* desempenhará as peças diversas modernas, como: partes da *Viuva Alegre*, *Conde de Luxemburgo*, *Casta Suzana* e varias danças, cantos, etc., etc.

E' um acontecimento teatral que o nosso publico deve aproveitar, visto que a companhia dos Anões constitue um sucesso no seu genero.

A empreza resolveu fazer os seguintes preços:

Por assinatua: camarotes e frizas de frente, 2$50; idem de lado, 2$00; cadeiras, $50; superiores, $32; gerais, $24; galerias, $12.

Avulso, mais 10 ₀|⁰.

A reacção em fóco

No passado domingo realisaram-se no Porto os ultimos trabalhos dum congresso católico que terminaram por uma sessão solene na beatifica associação nessa cidade instalada, á rua Passos Manoel, com a assistencia de seraficos membros daquela casa e mais pessoas que se associaram á festa representativa de mais um passo dado para a salvação das bôas almas, que tanto se empenham pela defêsa dos bons... principios...

Cêrca das 22 horas, no melhor da festa, discursava o sr. dr. Zuzarte Mendonça, quando uns individuos que estavam na sala se insurgiram contra umas palavras do orador, estabelecendo-se ápartes, pelo que foi chamada a policia. Esta entrou e intimou aqueles individuos a saír o que eles fizèram imediatamente, erguendo vivas á Republica.

Na rua estavam muitos populares, que secundaram os vivas e déram morras á reacção, sendo dispersos pela policia. As pessoas que estavam na associação aproveitaram o ensejo para saír á formiga.

Nesse mesmo dia realisava-se tambem uma excursão a Barcélos, promovida por um grupo de propaganda católica. Os excursionistas, ao chegar a Barcélos, formaram cortejo e entraram a dar vivos á monarquia e outros subversivas, que provocaram uma contra-manifestação popular, que poderia dar sérios resultados, mas a autoridade interveiu com prudencia e pôz termo ao conflito, impedindo que o cortejo seguisse. De tarde, porém, surgiram novas manifestações isoladas, sendo os excursionistas então agredidos á bengalada, ficando muitos deles contundidos.

Desde Barcélos até ao Porto, a scena repetiu-se em todas, ou quasi todas, as estações, pois os excursionistas teimavam em dar vivas subversivos, respondendo os populares com vivas á Republica e morras aos reaccionarios.

Foi esta a causa, do que depois se passou novamente no Porto pois, decérto, alguem de Barcélos o comunicou telegraficamente para os grupos republicanos daquela cidade.

Dispérsa a multidão em frente da Associação Católica, um grupo numeroso dirigiu-se para a estação de S. Bento, a fim de esperar os excursionistas, que se não demoraram. Já ali estavam outros grupos.

Não contando com a manifestação, os excursionistas, mal o comboio parou, recomeçaram com vivas ofensivos das instituições, pelo que os populares caíram sobre eles á bengalada, tendo muitos daqueles ficado feridos. Entre estes conta-se o tipografo Avelino Joaquim Fernandes Junior, de 19 anos, atingido na cabeça; o maquinista Antonio Martins, de 42 anos, de Lordelo, na cabeça; o guarda civil reformado Manuel dos Santos, de 43 anos, na cabeça e rosto, e o mestre de obras Antonio da Silva Oliveira, de 45, na cabeça, os quaes foram socorridos no hospital. Muitos outros se curaram em farmacias ou foram para casa tratar-se entre eles o jornalista Idilio Nunes, da *Tarde*, e o abade da Vitoria, padre Julio Maia.

Este conflito passou-se rapidamente, acudindo um piquete de policia, com o comissario Caldeira Scevola e o inspector Luiz Neves, que acalmaram os animos exaltadissimos dos populares e protegeram a saída dos excursionistas, que se haviam refugiado no interior da *gare*. Alguns destes tinham-se já metido num comboio e seguido para a estação de Campanhã, onde saíram.

Formou-se então na rua um outro grupo, que foi apedrejar a Associação Católica, já fechada, ficando as janélas com os vidros partidos.

Acudiu de novo a policia, que prendeu os sapateiros José de Castro e José Rocha Magalhães, por não obedecerem á ordem de dispersar.

A policia guarda o edificio, mas os grupos de populares conservam-se nas imediações, continuando, á hora que escrevemos, a manter-se uma atmosféra que não oferece duvidas sobre o que poderá vir a acontecer.

Assim, na terça-feira, de novo se repetem os acontecimentos pois cêrca das 22 horas um grupo numeroso surgiu junto da Associação Católica, onde fez uma manifestação hostil aos inimigos da Republica, vitoriando esta.

A policia, que ali se encontrava era pouca e por isso foi chamado o piquete do govêrno civil, que dispersou os manifestantes.

Estes juntaram-se de novo e foram fazer uma caloroso manifestação de aplauso ao nosso presado e prestimoso coléga *A Montanha*, erguendo vivas á Patria, á Republica e morras á reacção.

Os grupos desceram á praça da Liberdade, onde já se tinham concentrado as patrulhas, e seguiram pela rua 31 de Janeiro, cantando a *Internacional*, sendo ali detido pela policia, que aconselhou os populares a debandar, o que eles fizéram, formando-se mais tarde novos grupos pelo centro da cidade.

Por desobedecerem ás ordens da policia foram presos alguns manifestantes.

Nas imediações da Associação Católica continua a encontrar-se muito povo, vendo-se ali tambem forças de policia e patrulhas da guarda republicana, indo durante a noite guardar o edificio uma outra força de infanteria da mesma guarda e outra de cavalaria.

Vários grupos recebem essas forças com vivas á Republica.

A redacção do jornal *A Tarde* está guardada por numerosos guardas civicos.

Agora cabe aqui perguntar a quem cabem as responsabilidades de toda esta situação que, sem duvida, o procedimento provocador e atrevido da reacção justifica e merece. E' preciso uma exemplar repressão para que essa gente se convença que morreu e... para sempre!

DR. MANUEL LUIZ FERREIRA

—=(*)=—

Com desusada imponencia, celebraram-se, na egreja matriz de Albergaria-a-Velha, solénes exequias por alma do sr. dr. Manuel Luiz Ferreira, da Quinta dos Lagos e ha pouco falecido.

O acto revestiu o caracter de uma manifestação de verdadeira saudade, pois que o extincto, querido por todos, gosava das maiores simpatías em todas as classes sociaes. Contava apenas 58 anos de edade, visto ter nascido na Casa da Fonte, daquéla vila, em 12 de fevereiro de 1856 e ter falecido em 7 de abril, como então noticiámos.

Pertencendo a uma das familias mais ilustres désta região, o honrado albergariense era filho de Manuel Luiz Ferreira, alferes de milicias, fundador, com seu irmão, o comendador José Luiz Ferreira Tavares, da importante fabrica de Valmaior, e de D. Jacinta Clara Ferreira; neto do capitão de ordenanças Miguel Luiz Ferreira Tavares Pereira da Silva Rodrigues e irmão de José Luiz Ferreira Rodrigues (visconde dos Lagos) e de Francisco Luiz Ferreira Tavares (barão do Cruzeiro), já falecidos.

O saudoso morto, que era bacharel formado em direito, exerceu a advocacia com grande competencia e desempenhou os seguintes cargos publicos: administrador do concelho, presidente da câmara e juiz-substituto, cargos em que manifestou sempre largas aptidões. Afastado da vida publica, ha anos, ocupava-se ultimamente da administração da sua importante casa, que dirigia com o melhor criterio.

Era casado com a sr.ª D. Henriqueta Augusta Luiz Ferreira, neta do capitão-mór Francisco Luiz Ferreira Tavares Pereira e Silva, e do dr. Patricio Luiz Ferreira Tavares Pereira da Silva, distinto magistrado e governador da praça de Elvas, quando das invasões francezas.

Deixou tres filhos: o dr. Carlos Luiz Ferreira Rodrigues, D. Olivia Luiz Ferreira Rodrigues Côrte-Real, casada com o nosso amigo Eduardo de Albuquerque Côrte-Real de Tavares e Tavora, da casa da Bemposta, Oliveira de Azemeis e dr. Manuel Luiz Ferreira Tavares Pereira e Silva, casado com a sr.ª D. Eufrazia de Oliveira Ferreira Tavares, que hoje são os proprietarios duma das mais importantes quintas do distrito de Aveiro, de maior valor e situada em um dos melhores pontos do concelho de Albergaria.

* * *

No domingo exalou o ultimo alento na sua casa da Vera-Cruz o sr. dr. Manuel Francisco Teixeira, que ultimamentte havia adoecido, sendo infrutiferos os esforços da medicina para o salvar.

O extinto exerceu por vezes o cargo de auditor substituto do distrito, estando por completo afastado da advocacia por lhe não permitir a sua constituição fisica trabalhos em demasia extenuantes.

* * *

Egualmente socumbiu no mesmo dia aos estragos da tuberculose, a sr.ª D. Albertina Pires da Cruz, professora oficial da escola da Gloria e esposa do sr. Antonio Souto Ratóla, ourives estabelecido na Costeira.

Era ainda nova, motivo porque a sua morte foi bastante sentida por todos quantos a conheciam e com ela privavam.

Os professores e alunos das escolas das duas freguezias da cidade resolveram ir ontem ao cemiterio espargir flores sobre a campa da inditosa senhora, manifestação que teve logar pelas 16 horas e a que se associou grande numero de amigos da familia enlutada.

A esta, bem como á do sr. dr. Manuel Francisco Teixeira, o nosso cartão de pêsames.

CAIXA ECONOMICA DE AVEIRO

—=(*)=—

Em cumprimento do artigo 61 dos estatutos, foram no ultimo domingo eleitos, por 3 anos, os 5 delegados dos depositantes da Caixa Economica e que para todos os efeitos fazem parte da Assembleia Geral daquele estabelecimento. Foram eles os cidadãos, dr. Joaquim Peixinho, Francisco dos Santos Freire, S. Magalhães, Julio Cristo e Francisco Meireles. Vamos, pois, ter gente nova a intervir nos negocios da Caixa, onde ha anos se revezam e pontificam certos maiorais, que, pelo seu *amor á arte*, adquiriram a persistencia duma casta intangivel.

A honradez e a competencia é ali apanagio de certas figuras e estas sucedem-se numa especie de rotação. Parece, pelo movimento daquele maquinismo, que fóra de semelhante *concronha* faliu por completo a competencia e a honestidade, que são monopolio seu. Aquéla maquina só tolera rodas duma certa contagem e de fundição especial. A escolha dos socios encosta-se a um estatuto, que é para os directores espirituais uma especie de *Monita Secreta*.

Tem o quer que seja da iniciação maçonica, pois, na pessoa do iniciado tem de concorrer umas certas artes e portes de que se não póde prescindir. Daí uma cousa que toda a gente nota—a Caixa, embora gose duma relativa prosperidade, não tem aquele alargamento de transações que seria para desejar num estabelecimento de tal naturêsa. Se o seu fundo de reserva já é grande, atendendo á pequena taxa do seu lucro, muito maior seria, se á frente déla se tivéssem revezado novos elementos que certamente com outro alcance de vistas e egualmente honestos, não proseguiriam naquéla imobilidade cenobitica de administração, que tanto tem entravado o desenvolvimento da Caixa.

Para mostrar que a casta, o privilegio constituem a feição mais antipatica do estabelecimento em questão, haja vista a escandalosa disposição do artigo 46, § 2.º: *Tem preferencia para o cargo de gerente os socios e dentre eles* **os que tivérem por mais tempo servido na direcção.**

Por pouca vergonha, mais vale nenhuma. Seria mais bonito e haveria mais franqueza, se os estatutos indicassem logo, por extenso, o nome do individuo que terá de usufruir a posta. Nem ao menos, para não parecer mal, e *p'ra inglez vêr*, se deixou á Assembleia Geral a faculdade de escolher de entre os de mais socios, onde ha muitos com competencia e honestidade necessaria para o cargo de gerente!

Para segurar a posta foi preciso o berbicacho do tempo de serviço! E estã condição póde ás vezes não ser motivo bastante para o seu melhor desempenho.

Em todo o caso, aquéla disposição proposital tirou á assembleia toda a liberdade de acção, que não sabem os como passou em julgado, tão insensata e manhosa éla é.

Cumpram, pois, os delegados dos depositantes o seu dever que muito pódem fazer em beneficio da Caixa.

A Cultual e o administrador do concelho de Azemeis

Tenho lido todos os artigos que o *Radical* desta vila tem publicado sobre a campanha contra a Cultual. Pelos conhecimentos que tenho deste meio oliveirense desde os tempos da monarquia e da formação do partido republicano local até esta data de *paz e concordia*, posso afirmar, sem receio de desmentido, que esses artigos tem traduzido sempre a verdade. Se me restasse alguma duvida, o que de facto não resta, ela se dessipava perante a atitude que os anticultualistas tomaram, atitude vergonhosa pelos processos de que se tem servido, processos hediondos e difamantes com que tentam defender a sua causa repelida pela lei. Noto, porém, uma lacuna no descrever dos factos, uma deficiencia de critica no descriminar de responsabilidades.

Todas as personagens a que o *Radical* se tem referido, apenas se pódem queixar da suavidade da critica, porque se ela tivésse sido de rija tempera e de gume bem afiado, teriam sentido mais amargos de boca. Elas mereciam a justiça de mais profundamente se enterrar o escalpelo e de mais larga brecha se abrir no seu caracter para toda a gente vêr os seus reconditos, onde se encontra o odio de reaccionarios.

Pelos factos ocorridos eu sei bem que a sua alma é uma pustula, que os seus sentimentos são os dejectos de uma sociedade contaminada pelo mais baixo e degradante egoismo.

Sim, são estes os termos proprios para definir a ideia, traduzir a realidade, pois, caro leitor, que nome merecem os que por interesse individual e parasitario se opõem á libertação dum povo que se esforça, até ao sacrificio da vida, para transformar uma Patria enxovalhada e vilipendiada numa Patria nobre, digna e honrada?

São asperos os termos que emprego para os definir, mas mais aspero, mais maguante é o seu procedimento para aqueles que são verdadeiros patriotas. Estragaram a monarquia, levando o país até á beira da sepultura, pobres, esfarrapados e sem respeito.

Querem, animados pelo mesmo interesse, envenenar a Republica, sepultando o país nos cofres do estrangeiro, para em comunidade de parentesco e de amigos dividirem o espolio.

. . . .

* * *

A lacuna nos factos e a deficiencia nas responsabilidades não se tinham dado, se não tivéssem poupado o administrador do concelho. Esse homem se tivésse cumprido os seus deveres oficiaes, colocando a administração do concelho num plano intangivel ás imposições, resguardando-a dos ataques inimigos com as disposições da lei, a guerra á cultual abortava ou quando muito, poucos minutos tinha de vida. Eu até sou de opinião que nunca teria germinado se os seus progenitores não soubéssem, com segurança, que á frente da administração do concelho estava um homem que tem por ideal a vida parasitaria e por dever a obrigação de arranjar á meza do orçamento uma boa fatia triturada inconscientemente.

Os anti-cultualistas nem faziam o que tem feito, se não tivéssem a absoluta certeza de que o administrador do concelho tinha a consciencia e a liberdade entre as garras duns senhores e as mãos movimentadas pela vontade alheia. Os anti-cultualistas sabiam já da força infantil do sr. Fernão de Lencastre, que é hoje o que sempre foi. Ninguem melhor do que o Matoso o definiu quando os progressistas graduados deste concelho foram em romagem pedir o logar de administrador para o sr. Fernão de Lencastre. Argumentaram com a necessidade, como hoje argumentam tambem, mas esse homem soube colocar a cabeça e a razão acima da bondade. Disse que não queria ofender Oliveira de Azemeis, digna de melhor sorte, com um administrador tão fraco. Se a necessidade era a origem do pedido, que abrissem uma subscrição e que na testa do rol pozéssem o seu nome.

O Matoso, ao tomar rapidamente esta resolução, sabia da impetencia e da falta de escrupulo de semelhante autoridade. Diagnosticou, e bem, que o protegido era um homem de coluna vertebral flexivel, de cabeça pouco mobilada, de mão de facil aluguer, de opinião circular e de politica higrometrica.

A instabilidade do administrador do concelho sobre crença partidaria é tão grande que eu milhares de vezes lhe ouvi censurar os homens que hoje bajula. Perguntava-lhe, mas já farto de o saber, quaes as razões que tinha para assim pensar. A resposta era sempre a mesma, variando sómente o objectivo da ambição: era um despacho dum bom logar feito a um outro.

Quando o dr. Pinto Coelho, de Espinho, foi nomeado para o logar que ocupa atualmente, o sr. Fernão de Lencastre vociferou as mais injustas e causticantes apreciações, olhando com o roncôr do despeito o despachado.

Quando um logar do Vale do Vouga foi prometido a um nosso conterraneo, o mesmo sr. Fernão de Lencastre, prometendo a sua coadjuvação, foi a Lisboa pedir o logar para si. E tão convencido estava que era atendido que declarou enviar ao partido republicano as armas de S. Francisco como penhor de gratidão, se não fosse despachado.

Quando se falou em transformar o convento de Cucujães em escola agricola, ele tratou de ser nomeado director! E falando-se mais tarde que para esse convento se destinava uma casa de correcção para menores, ele pensou arranjar o despacho do logar de mais elevada categoria.

Quando se discutiu a regulamentação do jogo, ele queria ser o fiscal duma grande area, uma especie de chefe dos fiscaes. E então atacava, com calor de voz, a atitude do dr. Afonso Costa, que não permitia a regulamentação.

Logo nos principios da implantação da Republica ele quiz muitos logares, mas todos bem rendosos, pensando até ser contador em Oliveira de Azemeis sem habilitações e sem concurso. E então o dr. Germano Martins, dr. Afonso Costa e tantos outros foram alcunhados de infames e outros insultos maiores, homens que ele hoje engraxa.

Para ser administrador do concelho o que ele fez! Quasi que de joelhos pediu o logar. E se não fosse um amigo, não era nomeado, porque o governador civil de então não estava disposto a fazer essa nomeação. Para ser agradavel e reconhecido nesse momento prometeu cumprir como um verdadeiro republicano, promessa que se desfez pouco tempo depois e tão porcamente. Mas lá se foi conservando ás apalpadelas, pizando a lei a cada passo, encobrindo mesmo alguns dos seus detractores, escorripicgando bem os emolumentos.

Chega-se finalmente á formação da Cultual.

Abanando em aplauso a cabeça para uns, concordando com outros, marcha correligionariamente nos dois partidos opostos. Era ao mesmo tempo cultualista e anticultualista, sentindo-se sempre satisfeito, nunca perdendo a sua linha de importancia, nunca se lhe apagando dos labios os seus sorrisos francos duma educação palaciana.

Como, porém, os anti-cultualistas começaram a pôr em acção forças poderosas, quer de chapeu alto quer de saias de finos rendilhados, republicanos *soi disant* ou reaccionarios e monarquicos, o administrador do concelho passase de todo para o campo anti-cultualista e principia numa guerra desleal aos republicanos que, por amôr á Republica, lhe defenderam as costas, perdendo noites, e abandonando por complèto os artigos da lei da Separação. Para combater as ameaças e perseguições que os cultualistas sofriam dos seus adversarios, a estes o administrador dava palmadinhas no hombro, passeava de braço dado com eles e não ouvia nem conhecia as suas ameaças, os seus insultos á lei. Para favorecer os anti-cultualistas escrevia cartas para o seu intimo e condigno correligionario em que á falta de argumentos a mentira tomava fóros de verdade, como o prova este facto:—mandou dizer que a Cultual não podia tomar posse nem ser considerada aprovada porque alguns dos seus signatarios já tinham retirado o no-

me. Sabendo eu desta tôrpe mentira, encarreguei alguem de lhe pedir para, por escrito, declarar essa afirmação feita para Lisboa. Negou-se para fugir á responsabilidade; mas nada conseguiu, por que nesse mesmo dia, em presença de homens de bem, o sr. admit nistrador do concelho declarou que não sabia se alguns desses signatarios tinham retirado o nome. Publicamente confessou que tinha mentido.

Contrariava a formação da Cultual, o que a lei não lhe permite. Era uma autoridade de confiança da Republica a rasgar, com todo o descaramento, as suas leis fundamentaes, que tinha por obrigação defender a todo o transe.

E para que fazia ele estas doidices, estes atropelos, estas poucas vergonhas? Porque telegramas e vozes de comando lhe impunham a ordem indiscutivel de atacar a Cultual, de não permitir a sua posse E tanto isto é a verdade que, para convencer um seu parente e amo do seu odio á cultual, lhe mostrou toda a correspondencia trocada sobre tal assunto e tomou solenemente o compromisso de honra de não dar posse á Cultual emquanto fosse administrador do concelho.

E' tanto o apêgo ao ordenado e principalmente aos emolumentos, unicos de que póde dispôr a seu belo prazer, que fazia tudo sem uma meditação de razões e deveres, sem um arrepio de consciencia, sem um tremer de mão, sem um ruborisar de caracter.

Animou-se dum extravagante prestigio de autoridade e de politico, quando não tem a força moral daquela, nem a dignidade deste. A politica para ele é, como provas tenho em meu poder, um meio de arranjar a vida. E por isso se explica as suas transformações:—radical quando o dr. Afonso Costa está no poder; conservador quando se desenha a esperança de subir ao poder o sr. Antonio José de Almeida; correligionario da *ordem e paz* com o sr. Bernordino Machado.

O que sería, admitindo a absurda hipotese, se viésse a monarquia? Monarquico, se tivésse a esperança de continuar a comer á meza do orçamento. Voltava á politica antiga, donde saíu por ter perdido as esperanças de arranjar logar rendoso.

Tenho razões de sóbra para assim tirar esta conclusão, porque, além dos motivos apontados, recordo-me de uma vez em Lisboa me dizer: devia ter ido para aquele (ia passando o sr. Brito Camacho) porque já estava colocado. Via-se-lhe nos olhos o arrependimento que lhe atormentava a alma.

* * *

E' assim que se prestigia a Republica? E' com autoridades tão falhas que se consolidam as instituições? E' com politicos desta força que se dignificam os partidos? E' com patriotas desta sentimentalidade que se salva o país?

De que serve o trabalho dum parlamentar distinto, se tem para executores da sua obra homens como o administrador deste concelho?

De que servem as economias do estadista e os sacrificios do contribuinte se guélas escancaradas espreitam a ocasião do assalto para sepultarem os equilibrios orçamentaes?

A Republica não se fez para isto. Os homens que não tem a hombridade de caracter suficiente para serem bons cidadãos e sobretudo bons executores da lei e seus leaes defensores, precisam de ser postos á margem pelos que tem obrigação de o fazer. Isto assim não póde nem deve continuar. A politica de parentes e amigos deve terminar de uma vez para sempre porque o impõem a Republica e o bem do nosso paíz.

Os logares de autoridades administrativas não devem ser dados a individuos que, em vez de honrarem a confiança dos govêrnos com a imparcialidade e justiça das leis, ganaciosamente as embrulham nas folhas do calendario para presentear os seus devassos patrões e para depressa receber os vencimentos do seu salario.

Os tubarões devem ser escorraçados a bem da moralidade da Republica e do progresso economico do país.

Com semelhante praga não ha fórma de govêrno que resista, não ha país que progrida e que não morra.

Extinga-se sem piedade e sem demora essa corja de vampiros que sugam a nossa nacionalidade.

O. de Azemeis, 30 | IV | 914.

Lopes de Oliveira
(Medico)

PELO BRAZIL

Odisséa de uma leva de portuguêses á Madeira e Mamoré

Logro tremendo a 600 incautos

Os que morreram--Os que fugiram--Os que escaparam--A narrativa feita por um dos subreviventes

Um nosso amigo, residente no Rio de Janeiro, envia-nos uma entrevista publicada na *Gazeta de Noticias*, do dia 5 de Abril preterito, em que um português conta horrores da sua viagem iniciada com outros para obterem trabalho e consequentemente os meios de subsistencia que lhes iam escasseando.

E' uma narrativa que entristece e abala o coração mais duro, mas que nem por assim ser se deve deixar de se reproduzir tanto mais que existe em Portugal quem julgue o Brazil uma fonte inexgotavel de ouro sem atender á crise em que hoje se debate a nação irmã.

Eil-a:

«Foi arripiante e regeladora a historia que nos contou ontem o português Bernardo Ferreira. Era á tarde, á hora de se iniciarem os trabalhos da redacção. A sala estava silenciosa e quasi deserta. Apenas o secretário e um redactor de banca. Pouco antes das 4 horas, a porta que comunica o corredor de entrada com a sala da redacção rangeu. Rangeu e abriu-se, dando passagem a Bernardo e a um companheiro, gordo e feliz, que não cometeu o erro de dar ouvidos aos cantos da Madeira e Mamoré.

Bernardo vinha cançado, do esforço de subir a escada. Vinha sem ar, com os olhos tristes, a boca aberta e arquejante. O seu corpo dançava dentro do paletot largo, como um desses páus que se vestem com roupa de gente para amedrontar os passarinhos, devastadores dos roçados, das fruteiras, das vastas plantações do campo. As calças frouxas, os pés calçados de meias, metidos em um par de chinelos, o bonet de pano enrolado entre os dedos, Bernardo não se animou a falar. O seu aspecto era tonto e cançado. Vendo-o assim, esquerdo, fomos ao seu encontro. O companheiro, gordo e feliz, atalhou solicito:

—E' mais uma das belezas da Madeira e Mamoré.

Olhamol-o com ancia, interrogativamente.

O amavel *cicerone* de Bernardo concluiu, com amabilidade:

—E' uma historia comprida. Tenha a bondade de ouvil-o.

Démos uma cadeira a Bernardo. Puzémo-nos á sua disposição, de lapis em punho.

Bernardo tomou folego. Chegou-se mais á mêsa:

—Estou que quasi não posso. E depois essa escada cança tanto! Mas tenha um pouco de paciencia comigo, que estive entre a vida e a morte...

—Mas a historia...

—Eu lhe conto. Em fins de 1912 estava eu em Lisboa, procurando trabalho. Camaradas meus, que tambem procuravam colocação, disséram-me que um brazileiro estava tratando de contratar trabalhadores para a construcção de uma estrada de ferro. O Brazil era tão bom, tanta gente falava bem dele, dizendo-o uma segunda patria, que eu tive um alegrão com a noticia de que viria para ele. Com os camaradas fui á presença do brazileiro, que, com perdão da palavra, era mulato. Ele nos prometeu mundos e fundos. Disse que o logar para onde nos contratava era de muito bom clima, tão bom como o clima de Portugal. Garantiu que nos daria uma diaria de dez mil reis. Prometeu-nos uma rêde e passagem gratuita. Com efeito, aceito o contrato, tomámos o vapor, sem gastar um vintem e, dias depois, estavamos em Manáos, hospedados em um hotel da rua dos Remedios. Eramos 600 rapazes portuguêses.

—Gente muita!

—Todos seduzidos pelas promessas fabulosas do contratador.

—Chegados a Manáos, perguntámos quando começaria o trabalho.

—Mas vocês não sabiam que a estrada era no interior do Estado?

—Não, senhor! Não fomos contratados para isso. O contratador nos disséra que o trabalho era quando chegassemos a Manáos.

Insistindo nós em saber onde era o serviço, ele respondeu que era perto. E meteu-nos em uma *gaiola*, que, como o senhor sabe, é um vapor que viaja nos rios. Embarcámos. Decorridas horas perguntámos navamente onde era o logar.

—E' perto. Chegamos já...

E iamos viajando. Passou o primeiro dia. Aquela historia já não nos estava agradando, já não era a mesma historia que nos fôra contada em Lisboa. Passou o segundo dia. Passou o terceiro. E assim tivémos que viajar 12 dias.

—E onde foram parar?

—No mato. No sertão. Na picada da Madeira e Mamoré. O contratador nos levou até lá. No meio do mato fomos entregues ao empreiteiro, um inglez.

—E aí?

—Aí vimos que estavamos roubados. A passagem, a rêde, outros pequenos objectos que nos foram dados como gratuitos, começaram a ser descontados. A comida, pessima, intragavel, era descontada. Em menos de um mez estavamos quasi todos doentes. O trabalho era terrivel, talvez peior do que em Africa. O sol era de fogo.

—Mas não era na grande mata amazonense, sombria, fresca?

—Não! Era no sertão. Um sol terrivel que caía o dia inteiro, que matava. Por causa do calor a sêde era grande. Corriamos para a agua, a cada instante. Mas a aguá era ruim, barrenta, suja, grossa. A agua boa só chegava para os patrões. Bebendo a suja, a ruim, a barrenta, ficavamos doentes. Em um mez estava tudo ou com febre ou com beriberi. Eu, por mal dos meus pecados, tive as duas cousas juntas. Voltar? Quem podia? Se no fim do primeiro mez, em vez de receber, a gente estava devendo! Pouco a pouco iamo-nos tornando cativos. A febre aumentava. Quasi todos estavamos ficando inchados.

—Mas não havia medico, não havia remedio, não havia hospital?

—Havia. Mas o medico era pago. Cada receita custava cinco mil reis. O remedio era pago. Onde ir buscar dinheiro, se cada vez deviamos mais ao empreiteiro? A doença tomava conta de nós. Não podiamos trabalhar e as dividas aumentavam.

—E no hospital, como eram tratados?

—Só Deus sabe. Nós, os doentes, é que serviamos uns aos outros: não havia criados, não havia enfermeiros. A comida era pela hora da morte. Uma galinha custava vinte mil reis e dava-se graças a Deus quando havia. Era preciso andar correndo atrás déla. Nos primeiros tempos, quem poude fugir, fugia. Quando se ia pedir passagem ao empreiteiro, êle não dava e fazia ameaças.

—Mas fez alguma violencia?

—Não! Isso não! Mas os portuguêses estavam dispostos a chegar-lhe o páu se êle fizésse alguma com qualquer de nós.

—Mas fugiram muitos...

—Muitos! Pois então! Estava-se a vêr a morte chegar. Quem era tolo para esperar? As pernas inchavam cada vez mais. Morria-se de doença e de fome. A metade fugiu. A outra metade morreu e foi enterrada no mato, como bicho. Naquêles matos não ha cemiterio. Ha bichos. Bicho muito! Muita onça, muita cobra, muito mosquito, muito jacaré.

—Nenhum de vocês foi atacado?

—Não. Felizmente, não! Os bichos não faziam mal. Apenas um rapaz, por facilitar, por se tocar, á noite, para a vila, foi atacado por uma onça. Mas não morreu, ficou ferido apenas.

—Toda a gente adoecia lá?

—Toda a gente, não. O inglez não adoeceu. Nem o inglez nem os pretos que o serviam. Brazileiro é gente forte para o Amazonas. O inglez tambem não caíu; mas êle só vivia a aguas mineraes, não bebia da agua suja, que ficava para nós. Nós, portuguêses, hespanhoes, italianos, caímos todos.

No fim de tempos, morrendo de febre e de beriberi, consegui fugir em uma *gaiola*. Eu e mais uns dez rapazes. Chegando a Manáus, fui para a Santa Casa de Misericordia. Depois de cinco mezes de muito remedio, de muito tratamento, fiquei bom do beriberi. Mas estava mais morto do que vivo. Da inchação passara á extrema magreza. Dias depois de saír da Santa Casa, por benevolencia do comandante de um vapor inglez, vim para aqui. Cheguei ha um mez e tanto.

—Mas o empreiteiro não creava dificuldades á saída de vocês?

—Muitas. Chegou a deitar anuncios para que os seringueiros nos prendessem. Se não tivéssemos encontrado logo a *gaiola*, estariamos fritos. Nunca mais saíriamos daquele inferno. Porque creia o senhor, aquilo é um inferno. Os homens são peiores do que as féras. Chegando aqui, pedi uma guia á Assistencia e fui para a Santa Casa, para curar-me das febres. Estive um mês e tanto na Santa Casa, mas ainda não estou bom. Ainda tenho febre. E uma falta de ar que nunca mais acaba. Pedi alta ao medico e vou para Portugal, á procura de novos ares. Basta-me chegar a Portugal, para ficar bom. Tenho essa fé. Logo que obtiver os recursos que uns amigos estão angariando, tomo o vapor e vou-me embora. Vou cuidar da minha saude, que vale mais do que todos os paraisos.

E, arquejante, com os olhos muito vermelhos e febris, o ar cançado, o corpo dançando no fato largo do tempo em que era gordo, lá se foi Bernardo Ferreira, como uma sombra de vida que emerge de abismos, como um heróe que esteve em luta com a morte, saido do inférno verde, que é tambem um inferno dantesco, onde, quando se entra, deixa-se, á porta, a esperança de nunca mais voltar, porque a selva selvatica está entregue a empreiteiros e seringueiros atrozes, que impunemente escravisam aquelles que lhes vão oferecer o seu trabalho esforçado e heroico...»

Pedimos aos nossos assignantes que nos avisem sempre que mudem de residencia afim de que o jornal se não extravie e portanto o não deixem de receber.

A COBARDIA DOS TALASSAS

Em Anadia os monarquicos pretendem agredir os republicanos

A talassaria no concelho de Anadia arreganha os dentes para morder em dedicados republicanos que, no campo dos bons principios democraticos, defendem desassombradamente ali o sagrado ideal da Patria.

Ha tempo, por ocasião dos festejos ao falecido monarquico José Luciano de Castro, um grupo de mariolas esperou e agrediu um pobre rapaz que não quiz comungar no crédo dos *lucianistas*... E na segunda-feira, 27 de março, o chefe desse grupo, José Maria Simões, tambem conhecido por Simões Barbeiro, perto de Vilanova de Monsarros assaltou, armado de revolver e cacête, o nosso correligionario Anibal Cruz, de Anadia, mas foi desta vez mal sucedido... O Simões depois de aguentar alguns sôcos ainda resmungou, ameaçando os republicanos daquela vila.

E' preciso que os nossos correligionarios estejam álérta, e bom sería que as autoridades providenciassem para que se evite algum caso gràve.

Arquive-se

Com o devido respeito transcrevemos do jornal *Os Sucéssos*:

«Tratando-se das exéquias—não no templo de S. Domingos por, á ultima hora, o julgarem *interdicto* por nêle haver a cultual, mas no da Misericordia—por alma do sr. conselheiro José Luciano de Castro, a cujas altas qualidades sempre rendemos sincéro preito, e visto que a assistencia era por meio de cartões, julgavamos-nos, por muitos motivos, longe de merecer a quixotesca *hespanholada* da falta do respectivo convite. E ainda como seguimos o antigo adágio: *nem a bôda nem a baptisado vás sem ser convidado*, nada diremos déssa homenagem».

Por aqui se conclue que os promotores da funebre manifestação não consideram o representante dos *Sucéssos* uma *individualidade de destaque na politica monarquica* pois de contrario o tinham incluido no numero déssa especial assistencia. Mas compreende-se: monarquicos só os srs. Conde de Agueda e Joaquim Peixinho que em convicções não ha quem os desbanque...

DECLARAÇÃO

José Migueis Picado Junior, regedor da freguezia da Gloria, désta cidade, vem por este meio declarar, que tendo recebido do cidadão dr. Marques da Costa, testamenteiro da sr.ª D. Inez Augusta da Cunha, a quantia de 50$00 para distribuir pelos pobres da referida freguezia, á razão de 1$00 a cada um, déssa missão se desempenhou já, competindo-lhe dar o nome dos contemplados, que foram os seguintes:

José Duarte da Costa, Venerando de Matos, João Gonçalves da Loura, Angelina Gonçalves, Viuva de José dos Melros, Loduvina Peixota, Margarida de Jesus das Neves, Rosa das Neves, Justa Maria Salgueiro, Liberata (céga), João dos Santos Silva, Luis Gonçalves da Magdalena, José Pereira, Manuelsinho (demente), Viuva de Benjamin N. da Maia, Perpetua Rosa de Carvalho, Maria Vitoria, Manuel Ferreira da Costa, Manuel da Cruz da Loura, Eduardo Ferreira, Tereza Massarica, Ana de Jesus Serrana, Augusto Lameiras, Luis dos Reis, Chiça (céga), Ana de Jesus Lanchoa, João dos Santos Carlos, Rita da Cruz, Viuva de Felix Cartucho, João Salgado, Maria José Serrelheiro, Ismenia Peixinho, Nazaret Arroja, Maria José Carrancha, João Pascão, João Barabundo, José Palpista, Albino Corado, Luísa de Jesus Pirré, Rosa Emilia Augusta, Patricio Soares, Bernardina Amelia, Violanta (céga), Carlos Moreira, João de Almeida, José do Amaral Fartura, Carolina de Jesus Miranda, Viuva Morena, Maria da Guarda, e Antonio Ferreira.

Nova feira

A principiar no dia 17 do corrente, realizar-se-á no terceiro domingo de cada mês no sitio das Almas da Ariosa, em Aguada de Cima, concelho de Agueda, uma nova feira mensal que constará de mercado, gado bovino, suino e cavalar empenhando-se os seus promotores em que éla constitua um dos principaes mercados deste distrito.

Livros, Revistas & Jornaes

Océlia é uma nova tragédia em 5 actos que ultimamente nos ofereceu o senador sr. José Nunes da Mata, seu autor, e um dos grandes espiritos liberaes da presente época.

O sr. Nunes da Mata ainda ha pouco produziu um trabalho de singular valor para os principios que tem defendido com toda a perseverança, o *Frei João Mocho*, a que tivémos ocasião de nos referir, louvando-o pelo seu altruismo e aplaudindo a sua obra.

A presente tragédia **Océlia**, do nome do seu principal personagem, passa-se em 1546 no antigo Imperio dos Incas do Perú, já sob o dominio de Espanha e com Blasco Nunnez Vila como vice-rei. Os cinco actos desenrolamse durante a revolta de Gonzalo Pizarro contra o poder do vice-rei, passando-se mesmo o terceiro acto nos dois acampamentos militares inimigos de Anaquito, onde se deu a célebre batalha deste nome, em que o vice-rei foi vencido e morto com quasi todas as suas tropas.

Ao publicar esta tragédia diz-nos o sr. Nunes da Mata ter em vista os seguintes intuitos: 1.º chamar a atenção dos politicos da nossa terra para esse passado cheio de horrores, que se desenrolou no pitoresco e pacifico Imperio dos Incas, afim de vêr se conseguimos que eles meditem em que o sangue dos aventureiros que assolaram aquélas regiões, até ai ricas, prosperas e felizes, não ficou todo pela America, devendo por isso esses politicos ter sempre na ideia a necessidade que ha de, perante as nações estrangeiras, evitar a impressão de que os nossos patriotas andam desunidos; 2.º exaltar e por assim dizer divinisar o sentimento do amor da patria e o sentimento do amor fraternal, simbolisando-os nas pessoas de duas interessantes, altivas, bondosas e formosas princêsas incas; 3.º chamar a atenção dos *touristes* e dos negociantes para esses países equatoriais da America que, com a abertura do canal do Panamá, devem adquirir importante desenvolvimento, sendo merecedores a todos os respeitos de ser visitados. A parte principal do antigo Imperio dos Incas, ou sejam as republicas do Equador, Perú e Bolivia, merece especial atenção, pela grandiosidade das suas montanhas, vulcões, lagos, rios, etc., etc., pela eterna primavera e belêsa das cidades de Quito e Lima, cujas mulheres são tidas entre as mais garbosas e formosas do mundo, e bem assim pelos monumentos incas que ainda restam em Tiahuanaco, Cuzco e outras cidades; 4.º, finalmente, assestar mais uns golpes na reacção e ultramontanismo, proseguindo assim no humanitario trabalho que encetou com o *Frei João Mocho*.

Ao sr. Nunes da Mata muito e muito obrigados pelo volume com que nos distinguiu.

=Recebemos tambem um pequeno opusculo intitulado—**Covarde**—e que é um episodio dramatico, original dos srs. Francisco Cruz e Mario Ximénes, a quem agradecemos a lembrança da oferta.

=*O Povo*, jornal republicano de Lisboa, dirigido pelo nosso amigo sr. Ricardo Covões, começou efectivamente a saír todos os dias apresentando-se com magnifico aspecto grafico e muitissimo melhorado em todas as suas secções pelo que o felicitâmos desejando a continuação das suas prosperidades.

=Fomos honrados com a visita de mais tres colégas—*Ecos de Cantanhede*, *Revista Viti-vinicola*, de Vizeu e *Ecos da Beira*, de Armamar e ainda com a do *Noticias de Vila Real*, que depois de algum tempo de interrupção acaba de reaparecer.

Cumprimentamo-los.

=Pelos seus aniversários enviamos sincéros parabens á *Patria*, de Ovar, ao *Povo de Cambra*, de Macieira de Cambra e ao *Imparcial*, de Pombal, com quem temos mantido as melhores relações de camaradagem e cordeal estima.

=Acaba de ser posto á venda o tomo n.º 18 da *Colecção de Leis da Republica Portuguêsa* aprovadas pelo Congresso, cujo sumario é o seguinte:

Policia de investigação — Expropriações por utilidade pública (Lei e seu regulamento) — Organisação das forças navais — Policia Civil do Porto—Contribuição Predial — Reclamações—Protecção da propriedade literaria e artistica, Convenção de Washington (continúa).

O preço de cada volume désta util publicação é de 6 cent. em todas as livrarias ou na *Tipografia Gonçalves* (editora) 12,—rua do Mundo, 14—Lisboa.

Egualmente a mesma casa expôz á venda um novo folheto—*Expropriações por Utilidade Publica* -lei de 26 de julho de 1912 e seu regulamento, que vende a 5 cent. cada exemplar, como de resto todos que pertencem á mesma colecção saída da *Tipografia Gonçalves*.

Notas mundanas

Regressou de Lisboa o sr. dr. Augusto Gil, governador civil do distrito.

=Com destino a Malange, Africa Ocidental, devia ter embarcado ontem no vapor da carreira, o nosso presado amigo Antonio Lebre, medico veterinario do exercito, que, com alguns colégas, ali vai combater a molestia — hipisotias — que tem grassado com a maior intensidade no gado bovino.

Apetecemos-lhe uma feliz viagem e todas as felicidades de que é digno.

=Na casa da sua residencia, á rua do Gravito, realisou-se no domingo o enlace da sr.ª D. Diolinda Travassos de Arnedo Mendonça Freire com o nosso velho amigo Alfredo Cezar de Brito.

Testemunharam o acto como padrinhos, o professor e reitor do liceu désta cidade, sr. dr. Alvaro de Moura, primo da noiva; o digno capitão de cavalaria 8, sr. Francisco Barbosa da Silva; a sr.ª D. Augusta Arnedo de Mendonça Freire, mãe da noiva e a sr.ª D. Joaquina Leite Soares Lima, que do Porto veio para esse fim.

Assistiram ainda várias pessoas da intimidade dos nobentes, a quem desejamos todas as venturas e prosperidades.

=Estivéram em Aveiro os srs. Francisco Valerio Mostardinha, Joaquim Martins Alberto e Sarabando da Rocha, de Nariz; David da Silva Matos, da Costa do Valado e dr. Joaquim Rodrigues de Almeida, de Anadia.

=Acha-se gravemente enfermo o medico Carlos Coelho.

=Regressou á sua casa de Lisboa depois de ter passado nesta cidade alguns dias, a sr.ª D. Maria Pereira e Silva, viuva do malogrado capitão da marinha mercante, João dos Santos Silva.

Comunicados

Ainda o caso do professor da escola oficial de Pinhão, Oliveira de Azemeis

Emquanto o mui digno comerciante de bacaros e leiteiro, professor oficial da escola deste logar de Pinhão, não tenha coragem de solicitar a sindicancia á escola, conforme é seu dever, e emquanto o cidadão inspector deste circulo escolar de Oliveira de Azemeis continuar a deixar passar em olvido a queixa que os habitantes deste logar lhe fizéram e por consequencia não ordenar a referida

Caixa Economica Postal

Aceitam-se depositos, á ordem, em dinheiro, desde $20 a 1.000$, e em estampilhas, das taxas de 1/2 a 2 1/2 centavos, por meio de boletins, até 20 centavos cada boletim.

Juro de 3 0/0 ao ano.

Qualquer estação Telegrafo-Postal aceita depositos.

Os vales do correio nacionaes, internacionaes e ultramarinos e as ordens postaes pódem ser endossadas a esta Caixa para serem creditados na conta corrente de qualquer titular, para o que basta envial-os em subscrito cerrado, *sem estampilha*, á séde da Caixa.

Tambem se aceitam, para o mesmo fim, coupons de papeis de credito, cheques nacionaes, internacionaes e outros titulos a cobrar, devendo estes ser remetidos em carta com valor declarado á séde da Caixa, rua Alves Correia (vulgo rua de S. José) 14—LISBOA.

---

sindicancia, esta modesta penna, imparcialmente, jámais faltará ao sacro santo dever de clamar justiça para aqueles que tem sêde dela por não quererem tolerar que a instrucção neste logar seja uma palavra vã como foi no tempo da extinta monarquia, em vista deste instrumento de escola empregar mais a sua actividade e interesse no comercio de bacaros e de leite do que na santa instrucção não se lembrando que um dos lêmas da Republica é instruir o povo. Como temos a justiça ao nosso lado por nos assistir a razão, irmã legitima, pura e casta da verdade, gritâmos todos em voz alta que queremos que nos seja feita justiça!

Pela publicação destas linhas muito grato lhe fica o que se subscreve

De v. etc.

Pinhão, 2 | 5 | 914.

Um assignante

"REGENERANTE„

E' um vinho velho do Porto, absolutamente superior para os fracos.

Pedidos á casa exportadora

Rodrigues Pinho

Vila Nova de Gaia

(Proximo á Ponte de Baixo)

Acautelem-se

O valor eficaz do XAROPE FAMEL em todas as afecções pulmonares está demasiadamente comprovado. As tosses mais rebeldes não lhe resistem. As bronquites, as mais pertinazes, são curadas com exito pelo uso do XAROPE FAMEL o qual, devido á sua composição e base de lactato de creosota soluvel, propriedade do seu inventor, é inimitavel.

Toda a prevenção é pouca contra qualquer imitação. Exigir sempre no pé de cada caixa o endereço seguinte: 15, rua dos Sapateiros e a assinatura FAMEL nos topos.

Descanço nas pharmacias

Mappa das que se encontram abertas nos dias de domingo abaixo designados:

MAIO

DIAS	PHARMACIAS
10	BRITO
17	REIS
24	MOURA
31	LUZ

CORRESPONDENCIAS

Requeixo, 27 de Abril

(Retardada)

Foram pronunciados, prestando fiança de 500 escudos, Joaquim Lopes Grilo, de Mamodeiro e o seu cumplice no córte das arvores plantadas em terreno publico pela Câmara Municipal, pertencente ao logar da Povoa do Valado e por ordem da junta de paroquia desta freguezia cujos membros assistiram ao crime.

Lamentamos que se achem envolvidos no vandalismo esses dois homens á prática do qual os moveu o convite da corporação administrativa com a remuneração de 50 ou 60 centavos.

Fez-se justiça.

Comove-nos a situação dos dois inconscientes que se deixaram arrastar ao tribunal por um convite criminoso, ao mesmo tempo que nos entristece vermos os instigadores a esse crime passearem livremente com o mesmo sorriso sarcastico que lhes assomava nos labios ao verem destruir os pequenos seres vegetaes!

Quando dizemos que se fez justiça pronunciando Joaquim Grilo e seu companheiro, a nossa expressão não traduz uma vingança ou odio, tanto mais que não conhecemos o segundo e contra o primeiro não temos resentimento algum que nos mova a desejar-lhe o seu mal estar: apenas significa essa expressão um aplauso ainda que triste, ao promotor do processo.

Cumpre-nos fazer esta declaração categorica, não vá alguem incutir nos cerebros do povo inexperiente que acusamos por sistêma.

Como acima dissémos, os cinco homens que constituem a junta de paroquia passeiam livremente, pois não nos consta que sobre eles haja qualquer investigação no sentido de punir o seu inlouvavel procedimento. Ao contrario disso, porém, as nossas informações dizem-nos que, pela boca dos parciaes da junta, espera ela dar uma formidavel lição á Câmara, o que, sem maus tratos ao bestunto, significa a sua ampla irresponsabilidade.

Concordâmos...

— As arvores que a junta de paroquia mandou cortar foram substituidas por outras no dia da festa da *Arvore*, sendo estas recentemente cortadas, indigitando-se como autor deste novo crime um dos vogaes da junta, o mesmo que não quer melhoramentos no terreno em que umas e outras foram plantadas, terreno esse que a mais ninguem aproveita que não seja ao individuo em questão.

E agora? Agora tem a junta de que o mesmo faz parte de, numa das suas sessões, propôr um *voto* de louvor ao colega, se é cérto que foi ele o *assassino* das segundas arvores, e assim fica punido o delicto.

E digam lá que estes servos do Senhor não são dignos duma estatua que perpetue a sua memoria!...

F.

Idem, 4 dê Maio

Voltou á carga a Junta de Paroquia désta freguezia no seu proposito de destruir tudo que represente utilidade publica.

Temos dito neste logar que essa corporação cortou as arvores que se achavam plantadas em terreno publico no logar da Povoa do Valado para glorificar a festa da *Arvore*, incutindo nos espiritos susceptiveis, para se constar, que procedeu assim, para que o terreno não *caisse em poder da Câmara Municipal*.

O fim invocado pela Junta não é, não era esse. O fim principal é obtemprar ao capricho do seu vogal Coutinho, unica creatura a quem mais aproveita o terreno desarvorisado e sem melhoramento algum para nele desfolhar o seu milho e secar palha, etc., sem deixar de obedecer á sua politica monarquica, pois odeia tudo quanto cheire a republica muito embora essas cinco creaturas e seus inspiradores se acobertem com a capa do unionismo ou evolucionismo, valha a verdade.

Substituidas essas arvores por outras plantadas no mesmo terreno foram estas egualmente cortadas, dizendo-se com bom fundamento que o autor do segundo vandalismo fôra o mesmo vogal Coutinho, e pelo visto com aplauso da Junta de que faz parte, pois não consta que a *ordeira* corporação manifestasse o mais pequeno desgosto pela inaudita façanha.

No terreno de que se trata havia um chafariz que a Câmara Municipal removeu para logar mais adquado, sem com isto alterar nem o volume da ague nem a comodidade do povo. O que havia de fazer a Junta de Paroquia? Sem mais formalidade alguma, que nos conste, apresenta-se na manhã de 2 do corrente no local munida de picaretas para destruir o chafariz agora construido! Quando se dispunha a praticar a selvageria, o povo, indignado, opõe resistencia disparando alguns tiros que não atingiram o alvo, o que leva a crêr que só se tratou de intimidar os autores do atentado, que houveram por bem abandonar a sua obra e dar ás de *Vila Diogo*.

Digam, depois disto, que a freguezia de Requeixo não tem uma junta de paroquia capaz de dar a todas as suas congenéres exemplos de moralidade e progresso!

Uma junta de paroquia para a qual sua ex.ª o sr. governador civil do distrito deve pedir ao respetivo ministério uma portaria de... louvor, e que o povo désta freguezia tem por dever erigir-lhe uma estatua de barro sobre alicerce de... papelão no logar da Perajorge!

Depois de corridos pelos tiros populares, os pretendidos demolidores apresentam-se em Aveiro a denunciar o caso ás autoridades, alegando o vogal Coutinho, segundo nos informam, que uma bala lhe furára o chapéu. Duvidamos disso. Não sabemos se o *furo* é na copa ou na aba do penante. Mas, seja numa ou noutra, parece-nos destituida tal acusação, se é certo que o sr. Coutinho não estava isolado, salvo se se póde admitir a hipotese de que as balas ao sairem das armas não descrevem uma linha horisontal mas, sim, uma perpendicular. Ou quem disparou estava nos ares ou acocorado junto do sr. Coutinho?

E' preciso não os matar gordos de mais... por causa dos enjoos...

F.

VR

E' o melhor adubo compléto, garantido. Pódem empregal-o sem receio de serem enganados.

Esta formula é garantida, os seus resultados são eficazes em toda a cultura.

Exclusivo da fórmmula V R garantida por analise.

Todos os pedidos serão feitos a

Virgilio Souto Ratola
MAMODEIRO
(Costa do Valado)

Preço de cada saca de 50 kilogramas 1$10.

Descontos aos revendedores

Anuncios

PREDIO

Vende-se o predio de casas n.º 30 e respectivo quintal, na rua das Barcas désta cidade.

Para tratar com Domingos José dos Santos Leite.

Venda

Vende-se um assento de casas terreas, de construção moderna e quasi concluidas, situado junto do apeadeiro de Cacia.

Quem desejar esclarecimentos, dirija-se ao encarregado da venda, Teixeira Ramalho —SARRAZOLA.

Lenha de conta

Vende-a David da Silva Matos, da Costa do Valado, a quem devem ser dirigidos todos os pedidos.

Alfaiateria MIRANDA

RUA DA COSTEIRA
AVEIRO

O proprietario deste estabelecimento participa aos seus Ex.mos freguezes que acaba de receber um variádo sortido de fazendas estrangeiras o que ha de mais *chic* para a estação de verão.

Possue tambem o mesmo estabelecimento, no 1.º andar, um magnifico *atelier* de chapeus de senhora, acabando de receber ha pouco de Paris os modêlos da ultima moda assim como um sortido lindissimo de flôres vindas directamente daquêle centro da moda.

Pessoal habilitado para a confecção rapida de todos os trabalhos de que se garante o aperfeiçoamento.

Aos Ex.mos freguêses e freguêsas solicita-se, pois, uma visita a este estabelecimento

PADARIA MACHADO

PRAÇA DO COMMERCIO
AVEIRO

Esta casa tem á venda pão de primeira qualidade bem como pão hespanhol doce, bijou, abiscoitado e para diabeticos. De tarde, as deliciosas padas. Completo sortimento de bolacha das principaes fabricas da capital, massas alimenticias, arroz de diversas qualidades, assucar, stiarinas, vinhos finos, etc., etc. CAFÉ, especialidade da casa, a 720 e 600 réis o kilo.

Voiturette

Vende-se uma de 2 logares de *Dion-Bouton* em perfeito estado e bom funcionamento.

Para vêr na AUTO-VELO-GARAGE, de *Trindade & Filhos*, Avenida Bento de Moura.

Oliveirinha

Vendem-se duas propriedades nesta localidade, no sitio da Mamadopêgas, uma, terra de pão, outra com pinhal e terra de pão.

Para mais esclarecimentos procurar o sr. Sabiniano José Tavares, naquela localidade.

OFICINA DE CALÇADO E DEPOSITO DE CABEDAES

DE

José Migueis Picado Junior

Nêste estabelecimento encontrarão sempre os seus colégas um colossal sortido de sóla e cabedaes de todas as qualidades, que vende por preços excessivamente módicos em virtude dascondições vantajosas porque obtem aquêles artigos.

Executa-se toda a qualidade de calçado com a maior prontidão e aperfeiçoamento.

Rua 5 de Outubro
AVEIRO

NUTRICIA DE LISBOA

Produtos désta casa á venda em Aveiro: extrato de malte em pé, chocolate com aveia, marca *cavalo branco*, café de cevada, farinhas de Nestle, Alpina, Bledine, aveía, cevada e arroz. Massas alimenticias para regimen, etc., etc., tudo pelos preços de Lisboa.

Alberto João Rosa

33-A—Rua Direita.—AVEIRO

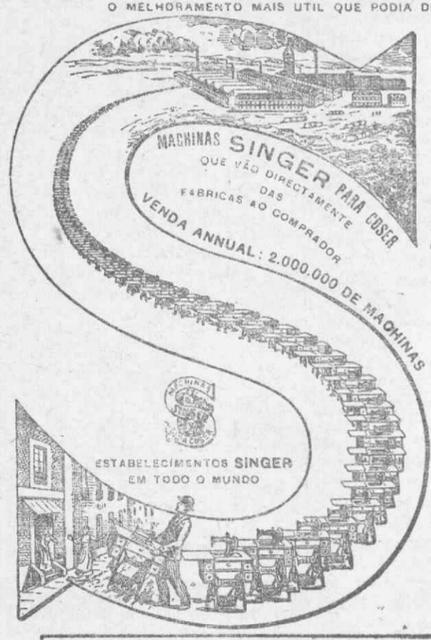
MARMELADA PURA

Vende-se a 320 reis o kilo no estabelecimento de Batista Moreira—rua Direita 79-A —Aveiro.

NOVA ESTANTE DE PEDAL

COM

FRICÇÕES DE ESPHERAS D'AÇO

O MELHORAMENTO MAIS UTIL QUE PODIA DESEJAR-SE

NÃO CABEM JÁ NAS MACHINAS PARA COSER

SINGER

MAIS APERFEIÇOAMENTOS NEM MECHANISMO MAIS EXCELLENTE

MAXIMA LIGEIREZA.
MAXIMA DURAÇÃO.
MINIMO ESFORÇO NO TRABALHO.

Succursal em **Aveiro**—*Avenida Bento de Moura*—Filiaes: em Ilhavo, *Praça da Republica*.—Em Ovar, *R. Elias Garcia, 4 e 5*

CAIXA DE EMPRESTIMOS SOBRE PENHORES

—DE—

Artur Lobo & C.ª

Rua do Passeio, 19—Esquina da Rua do Loureiro

AVEIRO

Empresta-se dinheiro sobre papeis de crédito, ouro, prata, pedras preciosas, bicicletas, maquinas de costura, mobilias, roupas, relogios e qualquer outro objecto que ofereça garantia.

Juros modicos, seriedade e o maximo sigilo nas transacções.

Aos srs. mestres d'obras e artistas

LIXAS em papel e em panno.

Recommendam-se as da **unica Fabrica Portugueza a Vapor** de **Aveiro**, de BRITO & C.ª

Muito superiores ás estrangeiras e mais baratas.

VENDEM-SE em todas as boas drogarias e nas melhores lojas de ferragens.

Casa de emprestimo sobre penhores

—DE—

João Mendes da Costa

(FUNDADA EM 1907)

RUA DA REVOLUÇÃO, 63
E TRAVESSA DO PASSEIO, 10

(Em frente da Escola Central do sexo feminino)

AVEIRO

Nesta acreditada casa empresta-se dinheiro sobre brilhantes, ouro, prata, roupas de todas as qualidades, bicicletas, mobilias, calçado, relogios, maquinas de costura, instrumentos, louças etc.

Os juros sobre brilhantes, ouro e prata é de 5 rs. cada 1$000 ou seja 6 0/0. ao ano.

Sobre os outros artigos tambem o juro é muito reduzido.

Esta casa acha-se aberta todo o dia.